

Com 96 anos, Academia de Ciências está distante das universidades

30/01/12 - Com quase cem anos de história, a instituição que reúne cientistas brasileiros de diversas especialidades enfrenta os desafios de um País no qual a produção científica aumentou de forma significativa em pouco tempo. Se aproximar mais da sociedade e das universidades, além de ter uma voz ativa junto ao governo federal, parece ser cada vez mais necessário. Esses são os principais desafios enfrentados pela Academia Brasileira de Ciências (ABC).

[Siga a SECTAM no Twitter!](#)

Para o professor de engenharia aeroespacial da Universidade de Brasília (UnB) Manuel Barcelos, que não faz parte da ABC, a importância da Academia está na necessidade de existir uma instituição que, além de divulgar a ciência, atue como normatizadora de questões científicas, gerando um parecer sobre tais assuntos sem interesses políticos. Entretanto, Barcelos acredita que é necessária uma divulgação maior, além de uma aproximação da ciência com o dia a dia das pessoas. "Seria interessante popularizar mais a atividade, porque a ciência está por trás de tudo o que faz parte do nosso cotidiano, desde o celular até a ida ao médico", frisa.

Dessa forma, o professor da UnB sugere que haja uma maior interface da Academia com a sociedade, popularizando a atividade científica especialmente entre as populações mais carentes. "O Brasil tem um grande potencial de pessoas que poderiam fazer ciência; nós precisamos tornar o fazer científico mais transparente e acessível, mostrando aos jovens, principalmente, como essa profissão pode ser promissora para eles. Hoje há uma dificuldade de divulgar a ciência. É necessário transpor essa barreira de que a ciência é apenas para quem estudou muito, mostrando para os alunos que eles podem fazer experimentos científicos já no primeiro grau", propõe.

O presidente da ABC, Jacob Palis, concorda que a atividade científica seja mais distante das pessoas com menor nível de estudo, pois o ofício exige muito tempo de dedicação e pesquisa. Por outro lado, ele afirma que quem consegue cursar uma faculdade e prosseguir na carreira acadêmica e científica tem condições de progredir na área. "Nós estimulamos muito a pesquisa, promovendo a ciência no ensino básico, participando de conferências, simpósios, sempre procurando atrair os jovens e estimulando o interesse pela ciência. Eu acredito que a Academia se configura como uma entidade difícil, mas muito atraente também para os jovens", ressalta.

O médico geneticista e professor de bioquímica da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Sergio Pena, membro da ABC, compartilha da visão de que a academia tem de ser mais do que uma agremiação de cientistas, utilizando a capacidade de seus membros para desempenhar um papel transformador na sociedade e se aproximando, especialmente, dos estudantes. "A ABC precisa se aproximar mais dos alunos de graduação e pós-graduação para estimular o interesse na ciência".

O professor da UFMG acrescenta que, diferentemente de países como os Estados Unidos, onde a National Academy of Sciences é bastante consultada pelo governo sobre variadas questões de grande interesse social, no Brasil, essa relação inexistente. "O governo brasileiro em todos seus níveis poderia usar a ABC como um manancial de consultoria de alto nível, mas o faz muito pouco", lamenta Pena.

Para ele, a importância de uma instituição como esta se dá principalmente pelo exercício de promoção da atividade científica e pela qualificação de seus membros, o que também reflete na produção de ciência. "A Academia tem de ser proativa na divulgação da ciência, e todos os seus membros são cientistas com currículos de alta produtividade e elevada postura ética. Assim, eles constituem um exemplo e um modelo para a comunidade, o que leva a uma reflexão indireta na produção científica", ressalta.

Palis afirma que a Academia conquistou um protagonismo no cenário científico nacional e destaca o aumento do número de mulheres na instituição, passando de 8% para 12,5% em poucos anos. A ABC contribui para a definição de políticas públicas e tem assento em conselhos como o CNPq e em instituições internacionais, como a Academia de Ciências para o Mundo em Desenvolvimento (TWAS). Com sede em Trieste, na Itália, o órgão congrega cientistas de países como China e Índia, e tem 100 membros brasileiros.

Saiba mais sobre a ABC

Fundada em 1916, a Academia Brasileira de Ciências (ABC), tem cerca de 450 membros titulares e 150 afiliados, divididos em 10 sessões, como Ciências Matemáticas, da Terra, Biomédicas, da Engenharia e Sociais. "Desde o início, ela foi formada por cientistas do melhor nível, que tiveram a ideia de criar uma associação que estimulasse o mérito e a pesquisa, e até hoje segue essa linha. Com o tempo, dentro da intenção de promover a ciência, a academia se expandiu, e hoje tem funções múltiplas. Por exemplo, nós fazemos pesquisas sobre doenças contagiosas e estudos sobre a Amazônia", explica Jacob Palis.

Dentro desse contexto de mudanças, a academia também realizou ações para descentralizar a produção científica, concentrada no eixo Rio-São Paulo, região de origem de grande parte de seus membros.

Foram criadas vice-presidências regionais, que administram cada uma das seis regiões em que a ABC está organizada, sem correspondência com as regiões geográficas do País: Rio de Janeiro, São Paulo, Sul, Minas e Centro-Oeste, Sul, Norte e Nordeste.

As eleições para a presidência são realizadas a cada três anos, com possibilidade de reeleição ilimitada. Como a entidade, que não tem fins lucrativos, pretende promover a ciência, mas não realizá-la diretamente, grande parte de seus diretores - todos não remunerados - também estão envolvidos em outras atividades em universidades e centros de pesquisa. O atual presidente, por exemplo, é professor no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Inpa), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Fonte: Cartola - Agência de Conteúdo - Especial para o Terra